

Uma abordagem educacional com aprendizagem cooperativa: nova forma de ensinar e de aprender

Carolina Pequeno Ferreira Medeirosⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

A educação brasileira vem trabalhando com um método baseado em exposições conteudistas, em relação vertical desde a gestão aos alunos e em um professor soberano. Sob outro ângulo, o projeto Letras Solidárias, vertente do Programa de Estímulo à Cooperação na Escola, proporciona às escolas públicas, através dos bolsistas, oficinas de produção textual estilo ENEM, fundamentadas em preceitos inovadores, enfatizando a solidariedade, a empatia e o envolvimento grupal: a Aprendizagem Cooperativa, desenvolvida pelos irmãos Johnson (1998). A fim de expor as experiências obtidas como facilitadora na EEMTI Romeu de Castro Menezes, o trabalho em questão visa propor uma nova perspectiva na forma de ensinar/aprender. Decerto, o desafio para ofertar o novo é gritante para o bolsista no que concerne à resistência dos estudantes em primeira instância. Entretanto, no decorrer do curso, percebe-se a rendição à cooperação apreciando-a, resultando a evolução em aspectos como nas relações grupais e nas produções textuais.

Palavras-chave: Cooperação. Aprendizagem. Inovação. Educação.

An educational approach with cooperative learning: a new way of teaching and of learning

Abstract

Brazilian education has been working with a method based on content-based lectures, a vertical relationship between management and students and a sovereign teacher. From another angle, the Letras Solidárias project, part of the Program to Encourage Cooperation at School, provides public schools with ENEM-style text production workshops, based on innovative precepts, emphasizing solidarity, empathy and group involvement: Cooperative Learning, developed by the Johnson brothers (1998). In order to present the experiences gained as a facilitator at EEMTI Romeu de Castro Menezes, the work in question aims to propose a new perspective on teaching and learning. Of course, the challenge of offering something new is blatant for the scholarship holder in terms of the students' resistance at first. However, over the course of the course, the surrender to cooperation can be seen, resulting in evolution in aspects such as group relations and textual productions.

Keywords: Cooperation. Learning. Innovation. Education.

1 Introdução

Diante de uma sociedade deitada no leito do tradicionalismo ou ainda cedida à mesmice, é difícil promover a tentativa de mudança, porque ela, declinada às atividades costumeiras, surpreende-se com o novo como se fosse romper o sagrado imutável. Nessa perspectiva, vale propor uma sucinta análise sobre a sistemática do ensinar e do aprender nas escolas públicas de Ensino Médio, especificamente, no curso de produção textual estilo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) executado na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Romeu de Castro Menezes.

Não se desconhece que há tempos, o ensino, dentro da instituição escolar, submeteu-se a um método friamente baseado na ideia de expor conhecimentos de uma determinada área para os alunos. Levando em conta que a sociedade está em uma constante mudança, não seria eficaz e eficiente o acompanhamento do aprendizado, isto é, o ensino dialogado com a realidade na qual o indivíduo está inserido? Veiga explicita que a insatisfação do modo estático e tradicionalista na educação não é - ou não deveria ser - esta fórmula.

É fundamental nessa interação que o professor assuma o papel de um interlocutor mais experiente, contribuindo efetivamente para que todos os alunos, indistintamente, consigam apropriar-se dos conhecimentos essenciais da etapa escolar especificamente em que todos os se encontram, tendo consciência de que cada momento de ensinar – aprender é um passo importante para a interiorização do saber sistematizado, historicamente acumulado (VEIGA, 2011, p.111).

Em síntese, a didática, sendo muito além de métodos de ensino, configura-se como uma responsabilidade do(a) professor(a) oportunizar ao aluno conhecimentos essenciais que exerçam influência no que concerne ao social, ao político e à técnica. Nesse viés, percebe-se que o sistema de ensino vigente retrai tanto o aluno como o professor, pois, por um lado, há dificuldades de assimilar certas informações e assim, por outro lado, a insatisfação do docente por não ver resultados desejados.

É importante salientar que no contexto social atual, nota-se a necessidade de desenvolver indivíduos críticos, polivalentes, responsáveis, autônomos, reconhecedores da interdependência, protagonistas do seu aprender e que exerçam

habilidades sociais a fim de promover frutos para as relações interpessoais, praticando a empatia e a assertividade e, decorrente a isso, reconhecer o seu valor como ser humano.

Segundo o cantor Cazuza, “Eu vejo o futuro repetir o passado [...] o tempo não para” (CAZUZA, 1988). Ao alinhar certas ideias, surgem algumas perguntas como “a prática do ensino sempre foi a mesma?”. Afinal, o que é aula? De acordo com o dicionário virtual é exposição sobre determinada área de conhecimento, feita por professor e dirigida a um ou mais alunos. Com base nessa informação, pontuar-se-á algumas questões.

Decerto, a arte de dar aula não é monótona, ela vem mudando de acordo com as necessidades que vão surgindo ao decorrer do tempo. Mesmo que inconscientemente, a aula se atribui a moldes impostos pelo contexto em que os alunos estão inseridos, dependendo, também, dos que estão no topo da hierarquia educacional, para propor novas ideias que viabilizem o alinhamento do professor, da disciplina, da aula, da forma que o conteúdo é dado e, certamente, do educando.

No texto “*A Aula no Contexto Histórico*”, Edileuza (2008) apresenta informações que se podem fazer comparativas acerca da linhagem, isto é, do rumo que a aula vem tomando. Desde as regras jesuíticas, com intervenção total da igreja até à contemporaneidade em que há desequilíbrio, ou seja, a educação estando à mercê de uma não fundamentação lógica na política vigente.

Acredita-se que o histórico da educação, não deve ser esquecido, entretanto analisado para colocar na balança acertos e erros a fim de obter melhorias, ampliando a criticidade sobre as condições do espaço e do tempo. Ademais, a aula não é somente tramitação de informações, contudo é uma base para a desenvoltura das atividades educacionais-pedagógicas e socioemocionais.

Além disso, o ensino e a aprendizagem são duas vertentes que, de acordo com a Ilma Passos (2008), andam interligados e, pontuando aspectos relevantes acerca do educador e do educando, demonstra-se que os conhecimentos que eles têm são construtivos nas ações bem como a relação professor-estudante. Tendo duas pontas, a inicial que é a educação e a final que é o estudante, o professor age

no meio, sendo mediador/facilitador. Com tudo isso, torna-se necessário pôr em evidência o aluno, o professor e as questões socioculturais.

Não há dúvidas que Ilma (2008) se posiciona contra o ensino e o aprendizado tradicionais, por não concordar com a postura que se dá ao professor tornando-o o centro do saber e autoritário, sobrepondo-se ao educando. Veiga (2008) deixa claro que os educadores têm uma grande responsabilidade de transformar os desafios de ensino e de aprendizagem no processo democrático, garantindo aos estudantes um espaço de interação e troca de conhecimentos e, assim, acabar com o privilégio da classe dominante.

Para tanto, o professor assumindo seu papel de mediador, extinguindo os princípios de monotonia na sua prática docente, revela a sua supremacia, não por ser o melhor ou soberano, todavia empático, solidário e reflexivo, gerando uma educação que alcança a todos, estudando de modo progressivo para aplicar em sala de aula muito além de técnicas repetidas e

A ideia de professor reflexivo é entendida de forma que os professores estão sempre construindo seu conhecimento em sala de aula, e se capacitando para tal, ou seja, em processo contínuo de formação. Fazendo também críticas e reflexões quanto a sua prática pedagógica, e constantemente, examinando seus saberes e aprimorando-os. Sendo a reflexão uma exigência para o fazer docente. (BRANDENBURG, PEREIRA, FIALHO, 2019, p. 6)

Outrossim, sabe-se que o Letras Solidárias tem como objetivo contribuir com o letramento dos estudantes do ensino médio, proporcionando rendimento satisfatório na prova de redação do ENEM, a partir do trabalho voluntário de revisores de textos. Sendo um projeto do Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (Prece) que é vinculado à Secretaria da Educação (SEDUC) e à Universidade Federal do Ceará (UFC) dirigido pela Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica - EIDEIA, o Letras Solidárias tem várias ações desenvolvidas dentro da Aprendizagem Cooperativa, das quais, enfatiza-se nessa obra, a oficina de produção textual estilo ENEM, em que estudantes de escolas públicas parceiras são atendidos sendo-lhes apresentadas não somente as competências ou a tipologia textual da redação ENEM, no entanto uma metodologia

diferenciada, vivências em Aprendizagem Cooperativa, estabelecendo uma nova forma de ensinar e de aprender.

No que concerne ao ensinar usa-se a ETMFA, a saber: Tal sigla significa as etapas da técnica, onde o E, significa, Exposição inicial, o T-Tarefa individual, o M-meta coletiva, o F-Fechamento e o A-Avaliação Individual. Ela é adotada para a execução da aula de aprendizagem cooperativa inclui cinco momentos. Esse método ajuda os estudantes a se identificarem com a Aprendizagem Cooperativa, já que se trata de uma tática de sala de aula transitória, mantendo uma exposição inicial característica do método tradicional.

Além disso, o aprender solidifica-se na compreensão de depender do outro para aprender algo a mais, na percepção de proporcionar ao outro o seu conhecimento e ainda ser consciente dos elementos da Aprendizagem Cooperativa que são as Habilidades Sociais, Responsabilidade Individual, Interação Promotora, Interdependência Positiva e Processamento de Grupo, pensadas e analisadas pelos irmãos Johnson (1998) a fim de haver um grupo promotor. Para tanto, divisão de grupos, divisão de funções, contrato de cooperação, estratégia de compartilhamento e processamento, têm propósitos significativos para facilitar o aprendizado e nessas etapas pode-se perceber os elementos supracitados.

É de suma importância relatar os objetivos da Aprendizagem Cooperativa bem como explicitar seus elementos que norteiam quem a utiliza. Sobretudo, a base da AC é promover aos seus estudantes uma postura de liderança, trabalhar a educação emocional, a autodeterminação e o envolvimento grupal. No tocante aos elementos, os pesquisadores, como Johnson e Johnson (1999) enfatizam cinco que são básicos para que a aula seja conduzida dentro desta metodologia: 1) habilidades sociais, 2) interação promotora, 3) interdependência positiva, 4) responsabilidade individual e 5) processamento de grupo.

O primeiro elemento vai de encontro às competências interpessoais, pois a vivência em grupo dentro de uma sociedade que instiga a competição é um desafio, além de estimular a prática da liderança, tomar decisões, desenvolver laços, saber ouvir, saber falar, comunicar e vivências conflitos solucionando-os.

A interação promotora faz com que os estudantes percebam que o papel de cada é crucial para o andamento da equipe. Estimular a participação, o envolvimento, instigar o ajudar e apoio. É fatídico que a prática da solidariedade é fiel à Aprendizagem Cooperativa e vai muito além de se colocar no lugar do outro, como a empatia, e, sim, uma ação de voltar e dar a mão para quem está ficando para trás de modo que todos alcancem a equidade de conhecimento.

6 A interdependência positiva reflete na relação que deve obter dentro de um grupo em AC, haja vista que, costumeiramente, quando há equipes, alguns fazem mais e outros desenvolvem menos. Com esse elemento, os integrantes percebem que dependem entre si por um bem comum e, conseqüentemente, ocorre a sua união.

A responsabilidade individual, por sua vez, constrói no educando a consciência de si e do grupo, estimulando o protagonismo estudantil. Decerto, todos os integrantes têm sua função e deve exercê-la de forma responsável. Para Johnson, Johnson e Holubec (1999), a responsabilidade individual existe quando se avalia o desempenho de cada aluno e os resultados são transmitidos ao grupo e a cada estudante, com o intuito de saber quem necessita de mais ajuda

Por fim, o processamento de grupo, é o momento de analisar e pontuar os acertos e erros a fim de que haja melhorias e excelência acadêmica, social e individual no que tange ao reconhecimento de atos que contribuíram positiva ou negativamente ao grupo.

Nesse contexto de sala de aula, o professor, como facilitador, deve permanecer orientando e conduzindo os grupos de sorte que o andamento seja efetivado e tenha um ótimo funcionamento. Veiga (2011) bem ressalta a relevância do docente no caminhar da vida do estudante, pois é atuante em diversas áreas em sua vida. Destarte aos encaminhamentos da AC, para que o ensino se torne significativo é preciso considerar as questões socioculturais da escola, do aluno e do professor, além dos recursos didáticos disponíveis.

Considerando que as ideias referidas pelo conjunto de literatura didática têm sua importância se analisadas de forma críticas, deixando de ressaltadas determinados fatores e condições, concordamos com os autores que destaca a ação de ensinar como

uma atividade de mediação pela qual são providos as condições e os meios para os alunos se tornarem sujeitos ativos no processo de apropriação do saber sistematizado. Com base nessa concepção, entendemos que a dinâmica ensino-aprendizagem deve caracterizar-se por situação que estimulem atividade e iniciativa dos alunos e do professor; situações que favoreçam o diálogo entre si e com o professor; ao mesmo tempo que valorizem o diálogo com o saber acumulado historicamente; situações que considerem os interesses dos alunos na apropriação do conhecimentos, sistematizados e ordenados gradualmente de acordo com a organização escolar (VEIGA, 2011, p. 110).

7

A Aprendizagem Cooperativa, sobretudo, investe nessa interação que conduz o indivíduo a ser consciente de que vive em sociedade. A teoria sociointeracionista visando um novo caminho a ser adotado no processo de superar a crise da escolarização alcança tal ideia. De acordo com essa teoria, o indivíduo constrói seus saberes e afetividade na interação com os outros sujeitos bem como explica Veiga (2011):

A prática pedagógica de fundamento sociointeracionista, por tanto, mostra-se como um caminho para uma ação transformadora de ensinar e aprender. Sob uma ótica vemos a relação professor – aluno de modo diferenciado da concepção funcionalista que vê o mestre como direcionador da aprendizagem ação pedagógico unilateral (VEIGA, 2011, p.112).

Por outro lado, não somente o professor deve ser o condutor de toda a trajetória pedagógica. Além de ser o articulador pensador que projeta e aplica todas as práticas técnicas, sociais e até políticas visando a melhoria da sistematização escolar e a apropriação do saber. No livro “Projeto Político – Pedagógico da escola”, Veiga (2011) estabelece a relação tênue entre todos os agentes da educação que constrói uma escola, desmitificando o padrão de que somente o professor é que tem a responsabilidade de modificar o andamento educacional, no entanto a gestão também seu papel fundamental para a progressão desse desfecho haja vista que

A gestão democrática exige a compreensão em profundidade dos problemas postos pelas práticas pedagógicas. Ela visa romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre teoria e prática. Busca resgatar o controle do processo e do produto do trabalho pelos educadores (VEIGA, 2011, p. 18).

A proposta de construção de um sistema educacional que tenha seus educandos como protagonistas, propondo e desenvolvendo líderes, estabelecendo ações transformadoras na forma de ensinar e de aprender começa a partir de uma linha horizontal da equipe atuante em que haja, também, o tratando da relevância de se resgatar a escola como um espaço aberto para dialogar, debater e refletir.

A partir desta perspectiva, é válido salientar que a Aprendizagem Cooperativa se insere neste contexto de inovação e transformação, oferecendo um meio de alcançar os estudantes para além do tecnicismo e/ou mercado de trabalho, mas indivíduos competentes e com habilidades para se relacionar consigo e com o outro de uma maneira cooperativa e solidária, viabilizando a crença de que a educação não é a mesma, todavia vai se transformando por acompanhar a sociedade e os indivíduos nela inseridos. Dessa forma, instrumentalizar o professor para aplicar a Metodologia da Aprendizagem Cooperativa se torna essencial, pois a cooperação, como afirmam os irmãos Johnson e Karl Smith (2000), é como uma semente, que só germina sob certas circunstâncias.

2 Metodologia

A Aprendizagem Cooperativa vem ganhando espaço no Ceará a partir de um movimento idealizado pelo professor Manoel Andrade. A ideia, nascida no sertão do estado, aos poucos foi alcançando várias pessoas a partir da atitude de solidariedade, de fé e crença na educação transformadora.

A linhagem traz aspectos envolventes que mostram pessoas adultas sem sequer tenham completado o fundamental 1 que decidiram se reunir em uma casa de farinha abandonada para estudar visando completar a educação básica e, se porventura não desistissem, ingressar na Universidade.

Este movimento, inicialmente com sete integrantes, tomou tal proporção que centenas de pessoas conseguiram ir à cidade mudar de vida, no entanto todas elas voltaram para semear e despertar na sua comunidade de Cipó – Pentecoste a

motivação e a certeza que, por meio dos estudos, passaria a existir a possibilidade de alçar voos mais longe.

Sem estudos teóricos, eles iniciaram toda essa trajetória e foram crescendo, estudando mais e voltando à comunidade para trazer modificações no sistema educacional. Para tanto, na cidade de Pentecoste, foi criada uma escola estadual totalmente nas diretrizes da Aprendizagem Cooperativa, a Escola Estadual de Ensino Profissional Alan Pinho Tabosa em 2012. Parceria entre a Secretaria da Educação do Ceará (Seduc), e a Universidade Federal do Ceará (UFC), que se responsabiliza pela implantação da aprendizagem cooperativa em sala de aula e pela orientação e gestão pedagógica da escola. “Essa metodologia é definida como um conjunto de técnicas de ensino-aprendizagem em que os estudantes, liderados pelo professor, trabalham em pequenos grupos e ajudam-se mutuamente para resolver problemas e alcançar metas coletivas.”

Hoje, os alunos da dada escola, além de passar o dia, voltam à noite para atender as crianças da comunidade com reforço escolar aplicando, desde cedo, a vivência da AC.

Na Universidade Federal do Ceará, foi fundado o Programa de Estímulo à Cooperação nas Escolas que continha vários projetos em que os estudantes de graduação da UFC participavam como bolsistas. A seleção iniciava com uma formação a partir da qual era destrinchado o histórico do movimento e a aplicabilidade dos preceitos e elementos da Aprendizagem Cooperativa. Após tal ato, os discentes bolsistas regozijavam de esperança na educação por conhecer uma nova metodologia de ensino e de aprendizagem que envolvessem todos os agentes da educação de modo que confrontassem as exposições conteudistas, a relação vertical desde a gestão aos alunos e um professor soberano que se mantinha no topo em detrimento do educando.

Por volta de 2005, o movimento PRECE já era conhecido por facilitar a entrada de jovens na universidade. Neste ano, alguns facilitadores foram desafiados a trabalharem com a metodologia de aprendizagem cooperativa e solidária com crianças do ensino fundamental do 1º ano ao 9º ano (06 a 15 anos de idade). Esta foi a primeira versão do projeto que teve nome de Estudante Ativo, em meados de 2007 o projeto ganhou um novo nome e foi chamado de Projeto Estudante

Cooperativo, e agora mais recente, em 2022 a proposta se renovou com o nome de Escola do Prece, querendo aumentar a experiência do PRECE com crianças do fundamental e iniciar preparativos para estabelecer a escola na cidade do PRECE na comunidade do Cipó (MOVIMENTOPRECE.ORG, 2017, s/p).

Os resultados obtidos no Movimento Prece e na Escola Estadual Alan Pinho Tabosa fortificou a certeza de que a educação pode ser cooperativa e solidária pois:

10

Na aprendizagem cooperativa, os estudantes organizados em equipes buscam alcançar metas coletivas de forma interdependente com a participação de todos os componentes, ao mesmo tempo em que interagem entre si de forma promotora, desenvolvem competência social e responsabilidade individual e aprendem a avaliar sistematicamente o trabalho que sua equipe realiza (MOVIMENTOPRECE.ORG, 2017, s/p).

De sorte que:

A construção da Aprendizagem Cooperativa e Solidária passa pela desconstrução de um elemento competitivo e individualista da educação mais comumente pregada. Antes do conteúdo, o PRECE entende que o ato de aprender é consequência de um contexto social, emocional e cultural que permeia o estudante, sendo estes contextos potencializadores ou desestimulantes para o processo da aprendizagem (MOVIMENTOPRECE.ORG, 2017, s/p).

Dentro deste contexto histórico, tem-se o projeto Letras Solidárias tem várias ações que alcançam as escolas públicas, como dito outrora. A oficina de produção textual estilo ENEM, é um exemplo. Não sendo um curso como os demais, nos quais os estudantes estão habituados, a oficina propositada pelo Prece, traz, do princípio ao derradeiro, a metodologia cooperativa e, em primeiro contato, há uma resistência dos alunos para com os processos desenvolvidos na aula.

A escola em questão, diferentemente de algumas outras que já foram atendidas, tinha um contato, embora vago, com a AC. Em primeira instância, o bolsista e a coordenação do projeto, fazem o caminho para o curso entrar na escola com a parceria da gestão, dos professores e, certamente, dos alunos a fim de haver consenso do que será ofertado aos participantes.

Destarte, a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Romeu de Castro Menezes, localizada no bairro Nova Metrópole, em Caucaia, trouxe uma proposta de oferecer o curso a uma turma eletiva, já existente, de produção textual composta por alunos do 1º ao 3º ano e, certamente aceita.

Além disso, o curso teve duração de 3 meses no período de abril a agosto, em 2 encontros semanais (oficina e feedback). Com antecedência, os planos de aulas foram feitos e estratégias pensadas e, ao longo das aulas, os planos iam se modificando para adequar-se ao ritmo dos alunos. Algumas dificuldades surgiram em relação a delimitar um assunto tão abrangente para tentar propor aspectos cruciais de cada competência para desenvolver uma boa redação estilo ENEM.

Preliminarmente, fora apresentada a AC e os conteúdos que seriam estudados em sala:

Quadro 1 – Cronograma dos conteúdos

CRONOGRAMA DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS			
Data	Conteúdo	Tema da redação a ser trabalhado no encontro	CH
22/04	Oficina de história de vida	-	100 min
29/04	Redação Diagnóstica	“O aumento da depressão entre os jovens no Brasil.”	100 min
06/05	Concordância nominal, verbal e cuidados com uso formal da linguagem		100 min
13/05	Discussão e produção textual	“Crianças em situação de rua e soluções para o problema”	100 min
20/05	O que é o repertório sociocultural na redação ENEM?	-	100 min
27/05	Discussão e produção textual	“Os perigos das Fake News na era da informação”	100 min
03/06	Coerência, Tangenciamento e fuga do tema de redação	-	100 min
10/06	Discussão e produção textual	“Cultura do estupro: a culpa é da vítima?”	100 min
17/06	Compreender os 4 degraus para o sucesso na competência 5: Agentes, Ações, Meio e finalidade.	-	100 min
24/06	Celebração	Não haverá tema de redação	100 min
CRONOGRAMA DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS			
Data	Conteúdo	Tema da redação a ser trabalhado no encontro	CH
09/05	Principais pontos observados pelo revisor nas duas redações produzidas pelos estudantes nas oficinas de produção textual anteriores.	O tema de redação anterior.	2h

23/05	Principais pontos observados pelo revisor nas duas redações produzidas pelos estudantes nas oficinas de produção textual anteriores.	O tema de redação anterior.	2h
06/06	Principais pontos observados pelo revisor nas duas redações produzidas pelos estudantes nas oficinas de produção textual anteriores.	O tema de redação anterior.	2h
13/06	Principais pontos observados pelo revisor nas duas redações produzidas pelos estudantes nas oficinas de produção textual anteriores.	O tema de redação anterior.	2h

Fonte: Elaboração própria.

3 Resultados e Discussões

Os educandos tiveram alguns obstáculos em relação à metodologia, encarando a nova forma de ensinar e de aprender falível, pois, carregados de argumentos baseados nas experiências mal sucedidas em grupo, trouxeram à tona reclamações afirmando que não seria conveniente.

Segundo Johnson e Johnson, 1982 (apud LOPES; SANTOS, 2009, p. 13), “a capacidade para trabalhar cooperativamente foi um dos fatores que mais contribuiu para a sobrevivência da nossa espécie. Ao longo da história humana, foram os indivíduos que organizavam e coordenavam os seus esforços para alcançar uma meta comum, os que tiveram o maior êxito em praticamente todo o empreendimento humano.”.

Sabe-se que os desafios são gritantes quando não se há engajamento do conjunto em prol de uma meta, entretanto a AC, por trabalhar com vivências de conflitos e pensar em estratégias para vencê-los, propõe, antemão, uma oficina de história de vida, a partir da qual, os estudantes participantes terão a oportunidade de exercer a empatia, ouvindo e falando as vivências marcantes que o fizeram ser o que o é e, nesse momento, aplicam os 5 elementos da AC.

Observando isto, pode-se depreender a ideia de que, diante da oficina de história de vida e da prática dos 5 elementos da AC, poder-se-á obter uma boa convivência grupal, facilitando todo o processo trabalhado na Aprendizagem Cooperativa que, segundo os Johnson e Johnson (1999a), são elementos significativos que agem de forma entrelaçada.

Iniciando o curso, embora resistentes, os educandos foram se entregando à ideia em que estavam usufruindo. Embora construir uma sala de aula cooperativa implique em mudança drástica nas normas tradicionais, as novas etapas para ensinar e as novas táticas para aprender foram se encaixando na perspectiva dos alunos como algo promissor, pois os resultados começaram a aparecer e eles, a partir dessa experiência, puderam dar credibilidade ao método.

13

Ao longo do curso, os estudantes, outrora relutantes, passaram a ser participativos e iniciarem a parceria professor e estudante. Aos poucos, foram produzindo e exercendo seus papéis de modo responsável e autônomo, verificando a importância do aprendizado na célula, reconhecendo a relevância do contrato de cooperação e, portanto, criticando ideias e não pessoas, respeitando o momento de fala do colega, vigiando no silêncio visando não atrapalhar o trabalho da célula nem do grupo maior.

Outro fator que contribuiu para que houvesse essa cessão ao método, foi a percepção da autoeficácia. A turma em questão, teve, no primeiro dia de aula do curso, uma proposta de redação diagnóstica e, a partir dela, seria trabalhado aspectos mais recorrentes visualizados na escrita do aluno. Com o resultado, foi levado o feedback e, em todas as propostas, havia a preocupação em melhorar não somente a nota, mas a forma como escrevia, procurando trazer em evidência, o conteúdo estudado em sala e os pontos do feedback, ou seja, a vontade de alcançar qualidades em cima do que fora trabalhado e, além disso, houve, também, o auxílio entre os alunos dentro das células objetivando, juntos, cumprirem as metas coletivas e cooperativas.

Fazendo a análise anteriormente ao início das aulas, teve-se algumas recomendações básicas que, comumente, eram praticadas: tirar de sala para a coordenação para receber ocorrência. A imagem solidificada sobre a turma era carregada negativamente relativo ao comportamento individual produto da comunicação grupal. Aspectos como "soneca" na aula, conversas paralelas, individualismo e competição eram características intrínsecas na eletiva.

Com a AC em ação, dentro do contrato de cooperação, podíamos trabalhar pontos como o "guardião da soneca", "guardião do silêncio", "evitar conversas

paralelas", "ser empático e solidário" e, assim, quebrar esses paradigmas que a turma trazia nas costas, colocando por terra os ensinamentos e aprendizados tradicionais que provoca a exclusão social e, podendo, então, ressaltar que novas táticas possibilitam um desenvolvimento relativo às participações e compartilhamentos de responsabilidades em relação a sua aprendizagem.

O intuito da aprendizagem cooperativa é, exatamente, esse: dentro da instituição escolar ou de qualquer outro, promover rendimento escolar - ou em qualquer campo que ela esteja - e aquisição de habilidades sociais através da relação de indivíduos em pequenos grupos e que se ajudam reciprocamente, estimulando a autonomia e responsabilidade para a realização das atividades.

No final do curso, o efeito do projeto Letras Solidárias na aprendizagem cooperativa, incorporou uma nova forma de ensinar, usando a técnica ETMFA e de aprender, ratificando a implementação da AC em pontos mais esmiuçados vistos na prática, isto é, na realização da aula, trazendo à Escola Romeu de Castro, um local de vida e trabalho benéfico entre professor e estudantes, trocando saberes simultaneamente.

Em suma, a nova era na educação que o Prece viabilizou para a Escola Integral, teve como fruto uma evidente entrega dos alunos ao modo de se produzir, positivamente, em grupos, gerando um foco dentro de sala e, quando se tem objetivo, as interferências ao redor somem e, se surgem, a Aprendizagem Cooperativa terá uma estratégia. Essa proposta foi vivenciada entre os participantes e fundamentou o que lhes foram teorizados.

4 Considerações finais

No tocante às leis de diretrizes e bases da educação brasileira, sabe-se que se deve adotar metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes; Além do mais, no Art. 35, inciso II, ressalta a ideia de que o aluno deve ter "a preparação básica para o trabalho e à cidadania, a fim de continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;", levando em consideração

o que fora dito acima, a AC entra com eficácia ao propor ao estudante, através do trabalho em grupo, o que se espera, minimamente, de um indivíduo cursando o Ensino Médio.

Felizmente, a turma eletiva da escola, composta por 16 alunos, teve um constante crescimento tanto em número como quanto no que concerne ao desenvolvimento pessoal. As redações primárias em torno de 300 pontos chegaram a 720 pontos e a frequência manteve-se de 12 a 16 alunos por aula, além de se empenharem em alcançar as metas coletivas e cooperativas que, inicialmente, havia barreiras que os impediam de se relacionarem.

O corolário foi significativo para o que tínhamos em mente. Por escrito, tivemos os relatos de experiências nos quais cada discente expôs os pontos positivos e negativos, estimulando a permanência do projeto na escola e na pertinência dos efeitos alcançados nas suas vidas através do curso.

Por fim, como supracitado, o viés do Projeto Letras Solidárias dentro das escolas públicas de ensino médio com o curso de produção textual estilo ENEM, fortifica-se ao ter como resposta os resultados finais do rendimento escolar dos educandos e o retorno de gratidão e de solidariedade.

Diante dessa contextualização, a partir dessa experiência de facilitação, ofertando um curso dentro da AC para alunos de Ensino Médio que não tiveram um contato fundamentador antes sobre a metodologia e observando a entrega e a rendição ao método, é crucial rever a política educacional, porque podemos perceber que há crescimento em número e pessoalmente falando. Então, qual seria a argumentação contrária aos preceitos da Aprendizagem Cooperativa de forma integral dentro das escolas, uma vez que, na sociedade atual, procura-se, preferencialmente, os resultados numéricos?

Referências

BRANDENBURG, C.; PEREIRA, A. S. M.; FIALHO, L. M. F. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** - Rev. Pemo, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1–16, 2019. DOI: 10.47149/pemo.v1i2.3527. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>. Acesso em: 15 set. 2023.

CANDAU, Vera Maria (Org.) **A Didática em questão**. Zaia Brandão - Petrópolis. Vozes, 1984.

CAZUZA. **O tempo não para**. O tempo não para. Rio de Janeiro, Philips Records, 1988.

FIRMIANO, Ednaldo Pereira. **Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula**. 2011.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

PRECE. [Movimentoprece.org](http://movimentoprece.org), 2017. **Aprendizagem cooperativa e solidária**. Disponível em: <https://www.movimentoprece.org/blank>. Acesso em: 28 jul. 2023.

Silva, E. F. d. (2011). A aula no contexto histórico. In I. P. A. Veiga (Org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e prática** (2a ed., p. 15-42). Campinas, SP: Papyrus.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. 14 ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

VEIGA, Ima Passos Alencastro. (Org) – **Didática: ensino e suas relações**. – Campinas, SP. Papyrus, 18ª Edição, 2011.

ⁱ **Carolina Pequeno Ferreira Medeiros**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6451-2981>
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará; Bolsista do Prece (2018 e 2019); professora titular de Português do Colégio Duque Castilho (2020).

Contribuição de autoria: não se aplica

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8830099094564047>

E-mail: eucarolinapequeno@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

MEDEIROS, Carolina Pequeno Ferreira. Uma abordagem educacional com aprendizagem cooperativa: nova forma de ensinar e de aprender. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.